

## **SOBRE A GUIANIDADE LITERÁRIA DE EXPRESSÃO FRANCESA – prelúdio temático**

*Dennys Silva-Reis*

### **Resumo**

O presente texto disserta sobre a literatura da Guiana francesa. Tenta-se definir o seu conceito enquanto literatura singular a partir da ideia de Guianidade (*Guyanité*). Mostra-se a dificuldade de determinar a identidade guianense e como isso se reflete na literatura. Seu objetivo maior é evidenciar que existe uma tradição literária da Guiana Francesa ainda desconhecida por diversos motivos. Nesse sentido, por meio de uma crítica literária guianense, em particular dos autores Biringanine Ndagano e Monique Blérald-Ndagano (1996); e Catherine Le Pelletier (2014), debate-se a diferença da literatura guianense em relação à literatura caribenha, a partir da ideia de homogeneização da literatura em língua francesa produzida e pensada nos territórios francófonos das Américas. Em suma, este artigo é uma reflexão em língua portuguesa sobre a autonomia da literatura da Guiana Francesa e sobre o quão essa consciência é importante para alavancar os estudos latino-americanos de expressão francesa dentro de uma perspectiva crítica latino-americana ante uma perspectiva francófona da França.

**Palavras-chave:** Guianidade; Literatura francófona; Guiana Francesa; Latino-americano de expressão francesa.

## **SUR LA GUIANITÉ LITTÉRAIRE DE L'EXPRESSION FRANÇAISE – prélude thématique**

### **Résumé**

Ce texte discute de la littérature de Guyane française. Nous essayons de définir son concept comme une littérature singulière basée sur l'idée de la Guyanité. On montre la difficulté de déterminer l'identité guyanaise et comment elle se reflète dans la littérature. Son objectif principal est de montrer qu'il existe en Guyane une tradition littéraire encore méconnue pour plusieurs raisons. En ce sens, à travers une critique littéraire guyanaise, notamment les auteurs Biringanine Ndagano et Monique Blérald-Ndagano (1996) ; et Catherine Le Pelletier (2014), on discute la différence entre la littérature guyanaise et la littérature caribéenne, à partir de l'idée d'homogénéisation de la littérature en langue française produite et pensée dans les territoires francophones des Amériques. En bref, cet article est une réflexion en langue portugaise sur l'autonomie de la littérature guyanaise et sur l'importance de cette prise de conscience pour mobiliser des études latino-américaines de l'expression française dans une perspective critique latino-américaine face à une perspective francophone de la France.

**Mots-clés:** Guyanité; Littérature Francophone ; Guyane Française; Latino-américain d'expression française.

## **SOBRE LA GUAYANIDAD LITERARIA DE EXPRESIÓN FRANCESA – preludio temático**

### **Resumen**

Este texto analiza la literatura de la Guayana Francesa. Se intenta definir su concepto como una literatura singular basada en la idea de guayanidad (*Guyanité*). Además, muestra lo difícil que es determinar la identidad de la Guayana Francesa y cómo esto se refleja en la literatura. Su principal objetivo es mostrar que existe una tradición literaria en la Guayana Francesa todavía desconocida

por varios motivos. En este sentido, a través de una crítica literaria guayanesa, en particular con los autores Biringanine Ndagano y Monique Blérald-Ndagano (1996); y Catherine Le Pelletier (2014), se discute la diferencia entre la literatura guayanesa y la literatura caribeña, a partir de la idea de homogeneizar la literatura en lengua francesa producida y pensada en los territorios francófonos de las Américas. En resumen, este artículo es una reflexión en portugués sobre la autonomía de la literatura de Guayana Francesa y cómo esta conciencia es importante para aprovechar los estudios latinoamericanos de la expresión francesa dentro de una perspectiva crítica latinoamericana frente a una perspectiva francófona de Francia.

**Palabras clave:** Guayanidad; literatura francófona; Guayana francesa; latinoamericano de expresión francesa.

## INTRODUÇÃO

A Guiana Francesa é um departamento d'além mar da França (*Départements français d'outre-mer* - DOM), o único que fica na América do Sul e faz fronteira com o Brasil. Apesar dos laços entre Brasil e França serem de longa data, pouco se sabe, entre os brasileiros, a respeito desse departamento francês sul-americano. Convém ressaltar que o próprio lugar geográfico da Guiana Francesa também contribui para esse desconhecimento. O que se sabe sobre a Pan-Amazônia? O que se sabe sobre a Amazônia Francesa? Mesmo o território do Amapá – a zona de fronteira brasileira – conhece pouquíssimo dessa cultura. E a França, apesar do grande esforço em torno da Francofonia, “pouco” sabe sobre seu departamento. De fato, o conhecimento produzido nesse espaço parece ser “regionalista”, ou seja, nasce e morre naquela região. Porém, graças às novas tecnologias e ao movimento de maiores trocas culturais, prefigura-se um despertar e mesmo um desvelamento daquilo que estaria inacessível.

Especificamente, voltando-se para a área dos Estudos Literários, configura-se sintomático que um país com tradição dos Estudos Literários Franceses e Francófonos de longa data apresente apenas um único trabalho de fôlego sobre essa literatura<sup>1</sup> – a dissertação de mestrado bastante recente de Maria Vagneide de Oliveira Ferreira, intitulada *Construção da identidade e da alteridade em processo pós-colonial: A escravidão contada à minha filha* (2002), de Christiane Taubira (2019) – e tão somente duas obras traduzidas no Brasil – *O escravo do governador* (2005) de Serge Patient e *Djumá, cão sem sorte* (1955) de René Maran<sup>2</sup> – e alguns poemas de Elie Stéphenson (2016) e Léon-Gontran Damas (2016). De certa forma, esse cenário traz à tona duas questões: (1) os estudos de literaturas latino-americanas de expressão francesa ainda estão por vir; e (2) os estudos francófonos no Brasil ainda são, por vezes, “espelhamentos” da metrópole cultural de língua francesa.

Convém dizer que se entende por *Literaturas latino-americanas de expressão francesa* todas as literaturas produzidas em francês a partir do *locus* desde o México, passando pela América Central até chegar à América do Sul. Ou seja, são literaturas em que os autores latino-americanos, mesmo não tendo por língua materna o francês, escolheram escrever seus escritos em língua francesa. Desse modo, o termo não se reduz apenas às literaturas caribenhas em francês (Martinica, Haiti e Guadalupe), e autores como os brasileiros Alfredo d'Escragnolle Taunay (1843-1899), Joaquim Nabuco (1849-1910) e Sérgio Milliet (1898-1966) ou os franco-uruguaiois Jules Supervielle (1884-1960), Jules Laforgue (1860-1887) e Isidore Lucien Ducasse (1846-1870) estão igualmente inclusos nessa nomenclatura. Ademais, vale ressaltar que as *Literaturas latino-americanas de expressão francesa* fazem parte das *Literaturas Francófonas*, e este último termo é usado neste artigo como hiperônimo.

<sup>1</sup> Essa informação pode ser confirmada a partir de uma pesquisa rápida na Biblioteca Digital Brasileira de teses e dissertações (<https://bdtd.ibict.br>).

<sup>2</sup> Existe ainda o ensaio “Os escritores franceses de cor”, de autoria de René Maran, traduzido e publicado na revista *Anhembi* número 51, volume XVII, de fevereiro de 1955.

A respeito dos estudos francófonos no Brasil, não se podem negar as muitas contribuições de pesquisadores brasileiros das diversas literaturas francófonas nos últimos 40 anos. Entretanto, com poucas exceções, os estudos das literaturas francófonas do Caribe (ficando apenas no âmbito da América Latina) coincidem bastante com o que faz sucesso ou o que está em voga no âmbito dos Estudos Literários franceses e do mercado livreiro na França. Para citar poucos exemplos, as obras de Lilian Prete de Almeida (1978), Zilá Bernd (1987, 1988, 1998), Eurídice Figueiredo (1998) e Yaracylda Coimet (2008) só se referem a autores antilhanos que fizeram e ainda fazem sucesso em Paris – uma espécie de cânone da literatura francesa das Antilhas. Atualmente, autores francófonos (latinos ou não e anticanônicos) vêm ganhando gradativamente – mesmo que de forma tímida – espaço entre os pesquisadores brasileiros.

Há de se considerar igualmente que o certo espelhamento dos pesquisadores brasileiros se dá por diversos motivos: a falta de acesso às obras literárias fora da França, a “obrigatoriedade acadêmica” da historiografia da fortuna crítica e do tributo a determinados constructos teóricos franceses sobre o campo das literaturas francófonas, o alinhamento de um inevitável prisma crítico pessoal com o de outros pensadores em voga a fim de se autoafirmar, entre outras questões que não são o objeto deste artigo e que poderão ser aprofundadas em momento mais oportuno.

Portanto, a fim de ampliar a questão dos estudos de literaturas latino-americanas de expressão francesa e de circunscrever melhor a problematização do “espelhamento” dos estudos francófonos no Brasil, o presente texto visa a expor a literatura da Guiana Francesa como um caminho vasto a ser desbravado e explicitar as razões pelas quais os estudos da literatura guianense francófona no Brasil ainda são pouco expressivos. Para isso, pondera-se o conceito de Literatura da Guiana Francesa que, conseqüentemente, orienta para a questão da identidade. Em seguida, examina-se a tradição literária dessa região, de forma a criticar o cânone das chamadas literaturas francófonas. Tal proposta é trilhada a partir de uma crítica literária guianense ante a uma crítica literária francesa conhecida no Brasil.

## O CONCEITO “LITERATURA DA GUIANA FRANCESA”

Até pouco tempo atrás, a literatura da Guiana Francesa era sempre mencionada como uma literatura antilhana ou caribenha de expressão francesa. Isto é, ela estava no conjunto que reúne igualmente as literaturas haitiana, martiniquense e guadalupense. É possível perceber isso quando se examinam os compêndios que aportam parte das literaturas latino-americanas de expressão francesa, como os seguintes:

1. *Histoire Littéraire de l'Amérique française* (1954) de Auguste Viatte
2. *Les littératures francophones depuis 1945* (1986) de Jean-Louis Joubert, Jacques Lecarme, Éline Tabone e Bruno Vercier
3. *Littérature Francophone - anthologie* (1992) organizada por Jean-Louis Joubert
4. *Littératures francophones II – Les Amériques: Haïti, Antilles-Guyane, Québec* (1998) de Jack Corzani, Léon-François Hoffmann e Marie-Lyne Piccione

Essas quatro obras foram, por longa data, material de referência para inúmeros estudiosos das literaturas latino-americanas de expressão francesa. Nelas, a literatura da Guiana Francesa aparece sobre os seguintes rótulos: “literatura das pequenas Antilhas” (1954), “Literatura das ilhas crioulas” (1986), “Literatura do Caribe” (1992) e “Literatura Antilho-Guianense”. Se por um lado, tais acepções tentam dar conta das literaturas produzidas no “Sul global” do continente americano, por outro lado, revela-se que há uma tendência de homogeneização quando se estudam as literaturas em língua francesa do Caribe e da Guiana. Seria essa uma forma de menosprezar a especificidade destas literaturas? Ou seria apenas mais um ângulo externo de como argumentar sobre essa produção literária?

Há uma certa continuidade em homogeneizar Guadalupe e Martinica como literaturas irmãs e tratar o Haiti como literatura particularizada. Numa visão panorâmica, essas três literaturas ainda recebem a alcunha de literaturas caribenhas – que de certa forma têm tradições semelhantes. Entretanto, mesmo que de forma discreta (porque não é ainda de conhecimento de grande parte dos pesquisadores), os estudiosos guianenses – mais especificamente Biringanine Ndagano e Monique Blérald-Ndagano (1996); e Catherine Le Pelletier (2014) – vêm fazendo um movimento bastante forte quanto à diferenciação entre a literatura caribenha e literatura guianense. Tal diferença está sobretudo enraizada em dois aspectos: as experiências vivenciadas de cada sociedade e a crítica à visão homogeneizante (francesa ou antilhana) dessas sociedades.

Quanto ao primeiro aspecto, cabe mencionar a seguinte passagem da obra *Lettres créoles – tracées antillaises et continentales de la littérature: Haïti, Guadeloupe, Martinique, Guyane* (1635-1975):

Bien que peu nombreux (environ 30 000 à l'époque), les Guyanais sont déjà fiers et ombrageux. Ils tiennent à marquer leur différence avec leurs cousins insulaires. Ici, l'esclavage n'a pas atteint les sommets de cruauté de Saint-Domingue ou de la Martinique, île où les Blancs des États-Unis menaçaient d'extrader leurs esclaves en cas de révolte. La canne à sucre, soumise à l'omniprésence de la forêt difficile à défricher, n'as pas vraiment étendu son royaume. Toujours à cause de ces « grands bois », le marronnage était facilité et souvent définitif. Cela permit aux Africains évadés des plantations de reconstituer des formes de vie tribales en dehors de tout contact avec le monde blanc : les « Bush Negroes » d'aujourd'hui, les Saramakas, Djukas et autres Bonis, en sont les descendants<sup>3</sup>. L'image terrifiante du Blanc (du père Blanc à la fois Maître et géniteur) n'a pas la précision de celle des Antilles. La construction du bagne en parachèvera le flou. Des bagnards blancs n'étaient-ils pas loués comme serviteurs à certaines familles mulâtres et noires ? Blanc déchu, dégradé, le bagnard est la preuve vivante que les Blancs sont des hommes comme les autres. Il ne faudrait pourtant pas en déduire que les Guyanais, qui se nomment eux-mêmes « Créoles » contrairement aux Antilles où les Békés se sont accaparé ce titre, sont exempts d'aliénation culturelle. Comme les Martiniquais et les Guadeloupéens, quoique à un degré moindre, ils vénèrent « la Mère patrie », idéalisent le drapeau bleu-blanc-rouge et idolâtrant la langue française. La couleur noire et les minorités y subissent le même mépris autodestructeur. Des voix s'élèvent pour obtenir la transformation du pays en province ou département français à part entière, d'autant que l'État voisin du Brésil formule des réclamations territoriales exorbitantes sur une vaste partie du territoire guyanais<sup>4</sup> (CHAMOISEAU ; CONFIANT, 1999, p. 132-133).

Os dois críticos literários chamam a atenção para o fato de que as Antilhas e a Guiana Francesa não apresentam o mesmo itinerário histórico, não têm as mesmas aspirações e as mesmas realidades geográficas e muito menos dispõem das mesmas maturidades de desenvolvimento econômico, demográfico, social, cultural, literário etc. Há três realidades que somente a Guiana Francesa conheceu: as prisões forçadas (*les bagnes*), o garimpo de ouro e, em 1968, a instalação de

<sup>3</sup> Embora em número reduzido (cerca de 30.000 na época), os guianenses já são autoconfiantes e receosos. Eles querem marcar sua diferença de seus primos insulares. A escravidão aqui não atingiu os picos da crueldade de São Domingos ou da Martinica, ilha onde os brancos dos Estados Unidos ameaçavam extraditar seus escravos em caso de revolta. A cana-de-açúcar, submetida à onipresença da floresta difícil de desbravar, não estendeu realmente seu reinado. Sempre por causa dessas "grandes florestas", a marronnage foi facilitada e muitas vezes definitiva. Isso permitiu aos africanos fugitivos das plantações de reconstituir formas tribais de vida fora do contato com o mundo branco: os "Bush Negroes" de hoje, os Saramakas, Djukas e outros Bonis, são seus descendentes (tradução minha).

<sup>4</sup> A aterrorizante imagem do homem branco (do pai branco mestre e progenitor) não tem a mesma precisão que aquela das Antilhas. A construção da prisão forçada completou a opacidade. Não foram presos brancos contratados como criados para certas famílias mulatas e negras? Branco pecador, degradado, o condenado é a prova viva de que os brancos são homens como qualquer outro. No entanto, não se deve deduzir disso que os guianenses, que se autodenominam "crioulos" ao contrário dos antilhanos, onde os Békés conquistaram esse título, estão isentos de alienação cultural. Como os Martinicanos e os Guadalupeenses, embora em menor grau, veneram "a Mãe Pátria", idealizam a bandeira azul-branco-vermelha e idolatram a língua francesa. A cor negra e as minorias ali sofrem o mesmo desprezo autodestrutivo. Vozes se levantam para obter a transformação do país em uma província ou departamento francês de pleno direito, especialmente porque o estado vizinho do Brasil está fazendo reivindicações territoriais exorbitantes sobre uma grande parte do território da Guiana (tradução minha).

uma base espacial em seu território (MAN LAM FOUCK, 2002). Elas influenciaram consideravelmente na construção do povo guianense e nas suas relações com o mundo. Portanto, os modos de vida e de pensamento são discrepantes dos de outros departamentos franceses e não devem ser confundidos. Além disso, há de se considerar que ameríndios, crioulos, buxinengues, árabes, lausianos, javaneses, haitianos, brasileiros, surinamenses, guianenses (povos da fronteira), franceses e africanos (dos diversos países), estando todos reunidos na Guiana Francesa, residem em plena Amazônia e produzem uma realidade identitária *sui generis*.

Ao comentar sobre a crítica à visão homogeneizante das Antilhas e da Guiana - o segundo aspecto que contribui para uma singularidade da literatura guianense francófona -, é impossível não se reportar ao trabalho magistral da pesquisadora Catherine Le Pelletier. Em sua obra *Littérature et Société - la Guyane* (2014), fica evidente o quanto a colonização francesa quis fincar sua presença, seja de forma física ou simbólica. Em um primeiro momento, a Guiana Francesa aparece nas narrativas em francês como uma espécie de descrição ou reunião de informações úteis a França – que contribui sobremaneira para marcar o olhar do outro a respeito do que é a Guiana e do que são os guianenses. Um olhar documental, mas também de formulação de um imaginário do exotismo. Isso se observa principalmente com a literatura de viagem produzida na Guiana colonial. Em um segundo momento, e de forma a marcar passos delimitadores das literaturas latino-americanas de expressão francesa, os estudiosos desse âmbito englobam a literatura da Guiana Francesa - ou por vezes a tratam - como literatura antilhana ou caribenha. De certa forma, é um caminho importante e que abriu espaço para que hoje se estude a faceta literária da Guiana de forma individualizada. Tal consciência trouxe à tona o fator homogeneizante dos estudos literários francófonos, replicados continuamente se não forem questionados. Nas palavras de Le Pelletier (2014, p. 12), a literatura da Guiana Francesa “s’affirme aujourd’hui comme capable d’assumer son développement propre, avec des auteurs toujours plus nombrueux et des textes qui valent d’être lus<sup>5</sup>”. Ou seja, com um desenvolvimento maior das tecnologias de acesso aos textos literários produzidos na região, é possível repensar essa literatura a partir de suas próprias dinâmicas e complexidades sem se reportar à tentativa de reuni-la “acriticamente” às outras literaturas de expressão francesa do continente americano.

Afunilando ainda mais a reflexão sobre homogeneização do campo literário, Biringanine Ndgano e Monique Blérald-Ndagano, em sua obra *Introduction à littérature guyanaise* (1999), consideram precipitado tachar a cultura guianense como ligada tão somente ao ideal do Homem Crioulo, defendido pela intelligentsia antilhana:

Mais il va de soi que la Créolité a vocation à irriguer toutes les nervures de notre réalité pour en devenir peu à peu le principe moteur. Dans des sociétés multiraciales telles que les nôtres, il apparaît urgent que l’on reprenne l’habitude de designer l’homme de nos pays sous le seul vocable qui lui convienne, quelle que soit sa complexion : Créole<sup>6</sup> (BERNABÉ, CHAMOISEAU, CONFIANT, 1993, p. 29).

Pensar a literatura guianense como literatura crioula é colocá-la igualmente no rol das literaturas negro-africanas ou simplesmente negras; ademais, é considerá-la afro-antilhana, antilho-guianense, crioulo-continental – que representaria uma literatura diaspórica. Isso seria reduzir a produção literária da Guiana Francesa a um só componente de sua identidade: o crioulo. Pensar o homem crioulo como ideal de identidade nesse departamento é anular a “guianidade” em proveito da globalidade - nominada de Crioulidade (*Créolité*)/Antilhidade (*Antillanité*). Em outros termos, e em consonância com os teóricos guianenses Biringanine Ndgano e Monique Blérald-Ndagano

<sup>5</sup> [Ela] se afirma hoje como capaz de assumir seu próprio desenvolvimento, com autores cada vez mais numerosos e textos dignos de leitura (tradução minha).

<sup>6</sup> Mas é evidente que a Crioulidade tem vocação para irrigar todas as veias de nossa realidade para se tornar gradativamente o princípio motriz. Nas sociedades multirraciais tais como as nossas, parece urgente que retomemos o hábito de designar o homem de nossos países sob um único termo que lhe convém, seja qual for sua complexão: crioulo (tradução minha).

(1999), poder-se-ia dizer que é uma espécie de fuga para não se estudar a literatura da Guiana Francesa com todas as suas variantes composicionais únicas e singulares. Soma-se a isso o estereótipo de esterilidade alimentado pelo sucesso de autores antilhanos amplamente divulgados e pela falta de estudos críticos específicos sobre a Guiana literária.

## A GUIANIDADE LITERÁRIA

O conceito “literatura da Guiana Francesa” ainda não tem uma definição muito nítida porque, antes dele, há uma questão difícil de ser estabelecida: a identidade guianense. Como se sabe, a Guiana Francesa também é França, e os cidadãos nascidos lá recebem em seu Registo Geral (*carte nationale d'identité*) a nacionalidade francesa. Logo, a princípio, era para se considerar que toda a cultura da Guiana também deveria ser francesa. Entretanto, esta não é a realidade com a qual o pesquisador se depara ao estudar qualquer elemento cultural desse departamento. Responder o que é a *identidade guianense francófona* é sempre um embaraço para todas as áreas de conhecimento: sociologia, história, filosofia, direito, geografia, entre outras. A própria menção “guianense” não consta em nenhum documento oficial porque não existe um Estado ou nação guianense. Todos os debates a respeito da *Guianidade* (Guiana + identidade) chegam sempre ao denominador comum da definição histórica que tenta somar língua + cultura = identidade.

No âmbito literário, umas das primeiras reflexões sobre a questão da guianidade está presente no artigo “*Regards sur la poésie guyanaise* [Olhares sobre a poesia guianense]” (1985), texto do escritor Raoul-Philippe Danaho. Para ele, um autor guianense, e que, portanto, tem guianidade, é aquele que está entre os seis casos seguintes:

- Celui des personnes issues de parents guyanais et qui sont nées, voire élevées dans le département ;
- Celui des personnes qui sont nées et élevées dans le département, et dont un seul des parentes est d'origine guyanaise ;
- Celui des personnes nées et élevées en Guyane, mais dont les parents n'en sont pas originaires ;
- Celui des personnes issues de parents guyanais, mais nées et élevées en dehors du département ;
- Celui des personnes nées et élevées hors du département et dont l'un des parents accuse une origine guyanaise ;
- Celui des personnes nées hors du département des parents qui n'en sont pas originaires mais qui ont été élevées en Guyane<sup>7</sup> (DANAHO, 1985, p. 45).

A partir de tais ponderações, poderia ser considerado guianense qualquer texto escrito por um autor dentro da classificação de nascimento, lugar de nascimento ou lugar de criação. Biringanine Ndgano e Monique Blérald-Ndagano (1999) são contra essa classificação e dão como exemplo: (1) o dramaturgo guiano-beninense Jules Nago (1944- à presente), que mora até hoje no departamento e é conhecido como o africano mais guianense de todos; e (2) o viajante Jean Galmot (1879 -1928), que só veio conhecer a Guiana Francesa aos 30 anos de idade e, desde então, mesmo tendo nascido na França metropolitana, escreveu sobre a região e é alcunhado pela tradição guianense como Pai (*papa*). André Bonneton (1925 – à presente), prolífico poeta guianense, defende que um autor guianense é aquele de cujas obras emana, seja de forma mais próxima ou mais longínqua, certo apreço pelo departamento da Guiana Francesa (*apud* NDGANO, BLÉRALD-NDAGANO; 1999, p. 12).

<sup>7</sup> A de pessoas de pais guianenses que nasceram ou mesmo foram criados no departamento; A de pessoas que nasceram e foram criadas no departamento e das quais apenas um dos pais é de origem guianense; A de pessoas nascidas e criadas na Guiana, mas cujos pais não são de lá; De pessoas de pais guianenses, mas nascidos e criados fora do departamento; A de pessoas nascidas e criadas fora do departamento e com um dos pais de origem guianense; De pessoas nascidas fora do departamento de pais que não são de lá, mas que foram criadas na Guiana (tradução minha).

Retirando o foco da guianidade sobre *quem escreve*, convém recordar uma visão mais sociológico-cultural do departamento:

Associant prioritairement les trois populations « natives » – Créoles, Amérindiens et Noirs marrons – et progressivement ouverte aux groupes d'arrivée plus récente (par exemple Chinois, Hmong...), la *guyanité* se formerait désormais sous le régime de la coexistence de divers ensembles ethniques dans un même espace politique. Ce nouveau modèle marque une rupture avec les représentations antérieures de la créolisation, qui mobilisaient les images de la *synthèse* et de la *fusion*. Il investit un autre espace, qui serait celui de la *relation* et de l'*échange* entre des groupes humains porteurs d'identités particulières, espace volontiers désigné aujourd'hui en Guyane par un terme emprunté à la psycho-sociologie, la notion d'« interculturel », devenue en Guyane un maître-mot du langage politique ou médiatique. Faisant écho aux inquiétudes des responsables politiques, l'écrivain Elie Stéphenson la définissait lors du colloque de 1995 comme « un espace abstrait de rencontre des groupes humains où les échanges culturels élaborent ou construisent de nouvelles alliances, de nouveaux canevas de l'existant et de l'existence ». Le modèle est riche en promesses. Il nourrit aujourd'hui une réflexion politique et sociale en Guyane, mais si cette référence à l'interculturalité n'avait comme fonction que de prendre acte du fait qu'aucune des composantes de la population guyanaise n'existe sous la forme de *monade* sociale et culturelle, et que chacune se trouve placée dans un ensemble de réseaux, elle ne présenterait évidemment guère d'intérêt, et confinerait à la tautologie<sup>8</sup> (COLLOMB, 1999, s/p).

Como se constata, na visão do antropólogo Gérard Collomb, é impossível ter uma noção exata que sintetize a Guianidade (*Guyanité*) tal como a Antilhidade e a Crioulidade resumem “bem” a identidade antilhana. Entretanto, pode-se dizer que a Guianidade é entendida como uma “consciência de viver sobre a mesma terra” (« *conscience* » de *vivre sur la même terre*) ou “a consciência do compartilhamento” (*la conscience du partage*) - considerando com os termos utilizados por Biringanine Ndagano (1994). Isso significa que a identidade guianense é fluida, mutável, diversa e nômade. Os diferentes povos – e consequentemente os autores que compartilham esse espaço e tentam percebê-lo, discerni-lo e lançar uma luz sobre ele – estão, de alguma forma, se relacionando por meio da linguagem (escrita e oral) a partir do seu modo de *ser e estar em partilha no espaço guianense*.

Essa consciência coletiva que perpassa a consciência individual e auxilia na construção da Guianidade Literária é regulada por dois princípios: a memória do povo e a identidade cultural (COADOU, 1997). Segundo Martine Coadou (1997), é na *memória do povo* que se tem os personagens (imaginativos ou reais) e fatos históricos. Ambos penetram na memória social e são transformados em ensino, noção/ideia e símbolo. Já a *identidade cultural* é o modelo endógeno - do grupo da Guiana Francesa - composto por modelos de condutas/de comportamentos próprios de indivíduos desse conjunto em relação e em coexistência. Tais modelos colaboram para estabelecer esquemas de produções imaginativas - seja um mito reapropriado/ reescrito ou funções sócio-imaginativas a partir de um ponto comum para “etiquetar o grupo” (COADOU, 1997). Tanto memória do povo quanto identidade cultural são adquiridos e podem mudar conforme as gerações. Daí, compreende-se por que os temas, as teorias e a práxis literários mudam e podem ser

<sup>8</sup> Priorizando a associação das três populações “nativas” - crioulos, ameríndios e quilombolas [marron] negros - e gradualmente aberta aos grupos de chegada mais recentes (por exemplo chineses, hmong, etc.), a *guyanidade* passaria a se formar sob o regime da coexistência de vários grupos étnicos no mesmo espaço político. Este novo modelo marca uma ruptura com as representações anteriores da crioulização, que mobilizavam imagens de *synthèse* e de *fusion*. Ele investe outro espaço, que seria o da *relation* e do *intercambio* entre grupos humanos portadores de identidades particulares, espaço hoje prontamente designado na Guiana por um termo emprestado da psicossociologia, a noção de “intercultural”, que na Guiana se tornou um palavra-chave da linguagem política ou midiática. Ecoando as preocupações dos líderes políticos, o escritor Elie Stéphenson definiu durante a conferência de 1995 como “um espaço abstrato de encontro de grupos humanos onde as trocas culturais desenvolvem ou constroem novas alianças, novos quadros do existente e da existência”. O modelo é rico em promessas. Hoje, nutre uma reflexão política e social na Guiana, mas se essa referência à interculturalidade apenas teve a função de tomar nota do fato de que nenhum dos componentes da população guianense existe na forma de uma *mónada* social e cultural, e que cada um é colocado em um conjunto de redes, obviamente seria de pouco interesse, e encerrar-se-ia com a tautologia (tradução minha).

reobservados, reanalisados, refeitos, reproduzidos, reconceituados, ao longo da história literária guianense (NDGANO, 1994).

## A TRADIÇÃO LITERÁRIA NA GUIANA

Uma vez explanada a complexidade da guianidade e sua importância para o estudo da Guiana literária, é necessário desfazer, talvez, o maior estereótipo da literatura da Guiana Francesa: a inexistência de uma tradição literária. Ela existe, porém ainda não é sistematizada e conhecida. Biringanine Ndgano e Monique Blérald-Ndagano (1999, p. 13-16) dão seis razões que mostram que a tradição literária guianense é tão antiga quanto a antilhana:

(1) A criouldade não é fenômeno isolado das Antilhas:

O fenômeno do crioulo também se deu na Amazônia francesa: o primeiro romance reconhecido e escrito em crioulo é *Atipa* (1885), obra do guianense Alfred Parépou (1842-1887). O teatro em crioulo também não era somente acontecimento caribenho, mas entre os anos de 1920-1980 movimentou Cayenne e as cidades do interior do departamento, notadamente com o dramaturgo Constantin Verderosa<sup>9</sup> (1889-1970).

(2) O primeiro reconhecimento da identidade negra na literatura em língua francesa do continente americano se deu no departamento:

O primeiro filho de escravizado a ter um prêmio literário na França é um guianense. Em 1921, *Batouala – véritable roman noir* de René Maran (1887-1960), ganhou o prêmio Goncourt. A obra foi combatida pelo governo francês porque denunciava o colonialismo e o racismo. Além disso, Léon Gontran-Damas (1912-1978), outro guianense nem sempre reconhecido, foi um dos precursores, junto com Aimé Césaire e Léopold Senghor, do movimento da Negritude.

(3) As obras têm um enraizamento no passado e em um cenário geográfico definido

Enquanto, nas Antilhas, a relação com a colonização e as relações inter-raciais (branco, mestiço e negro) em torno da cana-de-açúcar foram o pontapé inicial para a escrita literária; na Guiana Francesa, a vida escondida dos garimpeiros na floresta e atualmente as novas relações socioeconômicas, desde da escravidão até a construção da base espacial, orientam muitos escritos. Somado a isso, se ampliado o campo de visão para a literatura atrelada ao jornalismo, percebe-se que há muitos textos que mencionam a Guiana Francesa, que se inspiram nela e a usam como referência espaço-textual – em particular, o período das prisões forçadas, ainda muito atual. Nesses termos, podem-se encontrar romances epistolares, policiais, de viagem, entre outros<sup>10</sup>.

(4) Há referências à vida cotidiana da Guiana Francesa nos textos literários

Tanto narrativas quanto poemas e peças de teatro apresentam a gastronomia, as mandingas, os saberes populares, os mitos do cotidiano, os comportamentos regionalistas, o bestiário, as religiosidades e festividades etc. O Carnaval, em particular, é um dos temas transversais da literatura da Guiana Francesa. Vez ou outra, o tema se faz presente em um ou outro poema, narrativa ou

<sup>9</sup> Para um aprofundamento maior vide NDGANO, BLÉRALD-NDAGANO, SCHLUPP, 1994.

<sup>10</sup> Para mais detalhes vide NDAGANO, BLÉRARD-NDAGANO, 1996.

peça de teatro com maior ou menor grau, seja num texto muito contemporâneo ou mais clássico. Os exemplos são inúmeros desde *Atípa* (1885) de Alfred Parérou (1842-1887) à *Le mal du pays* (1980) de Serge Patient (1934-2021).

(5) Existe a temática recorrente da relação homem-natureza pela escrita

Os escritos mencionam a fauna, a flora, a diversidade dos rios. É muito comum, nas obras, haver visitas descritivas pela cidade de Caiena, aventuras na imensa floresta guianense e uma evocação do bestiário da região. Na poesia, a evocação da natureza como *leitmotiv* parece ser bastante recorrente. Pode-se citar, como exemplo, a antologia *Mon coeur est mangrove [Meu coração é um mangue]* (1999) de Assunta Renau Ferrer (1954 – à presente) em que a questão da natureza – eu-lírico – já é convocada no título da obra, mas transpassa todos os poemas. Essa tradição temática vem desde a literatura de viagem produzida e inspirada pelo departamento em autores como Jean Galmot (1879-1928), René Jadfard (1901-1947) e Raymond Maufrais (1926-1950).

(6) Nota-se a aparição ou existência de personagens propriamente guianenses

Nos variados gêneros literários, personagens conhecidos da cultura guianense ganham vida ou são mencionados. Para dar um exemplo, dentre muitos, D'Chimbo - negro africano rejeitado pelos seus compatriotas e pela própria família, que aterroriza a Guiana Francesa com atos sanguinários – é um dos mitos reapropriados para o teatro por Elie Stéphenson (*La nouvelle légende de D'Chimbo* - 1996) e pelas narrativas de Serge Patient (*Le nègre du gouverneur* - 2001) e Françoise Loe-Mie (*La complainte de la négresse Ambroisine D'Chimbo* - 2013).

Essas razões trazem uma consciência do quanto a literatura da Guiana Francesa tem uma história e é viva. Alguns poucos movimentos literários também são deslumbrados na tradição dessa literatura: é possível falar em Realismo na literatura de viagem, Negritude a partir dos autores negros e suas reivindicações e Crioulidade com base nas características do ideal de homem crioulo no século XX. Para René Gnaléga (2016), *grosso modo*, os textos de autores guianenses, em particular os mais contemporâneos, podem ser divididos em dois grandes grupos: textos militantes e textos regionalistas. Na *corrente militante*, os principais temas são a reivindicação da identidade, a denúncia do colonialismo, do escravismo ou do ideal de assimilação (embranquecimento/afrancesamento cultural). Já na *corrente regionalista*, as obras versam sobre exaltação da terra natal, suas riquezas, a fauna, a flora, o folclore, entre outros assuntos. É uma forma de apresentar a todos (estrangeiros e guianenses) sua própria cultura – que vai além do descritivo e da chamada “cor local”. Por vezes, há também o acréscimo da vivência. Convém mencionar que, em algumas ocasiões, essas duas correntes se cruzam enquanto aspecto temático. E somado a isso, o uso da língua crioula tem uma tripla função nos escritos: (1) faz os autores refletirem sua realidade linguística de coabitação com várias línguas; (2) representa um instrumento de identidade que funciona como uma forma de luta contra a aculturação; e (3) revela os limites linguísticos, retóricos e comunicativos de cada código linguístico a que os autores guianenses tem acesso (NDGANO, 1994).

## A CRÍTICA LITERÁRIA COMO GUIANIDADE

Embora se possam conceber as razões de existência de uma tradição literária na Guiana, é muito nítida a falta de crítica literária a respeito dos autores e das obras. No artigo *La littérature guyanaise de demain, d'où vient-elle?* (2008), Blaise Bitegue Dit Manga expõe o problema da bibliografia de consulta ou referência sobre a literatura da Guiana Francesa. Muitos textos ou ainda estão nas gavetas dos autores, ou são desconhecidos devido à falta de publicação e de políticas de difusão

literárias - seja entre os próprios guianenses, seja nos institutos responsáveis por documentar e arquivar a memória literária do departamento, o que inclui a própria BNF (*Bibliothèque Nationale de France*).

O livro, por muito tempo, não tem produção na Guiana Francesa. Atualmente, poucas são as editoras – entre elas, pode-se citar *Ibis Rouge* e *Orphie*. Existem edições pedagógicas, mas não disponíveis para o grande público – em grande parte são edições que circulam no meio universitário do Departamento. Mesmo o Centro Departamental de Documentação Pedagógica da Guiana (CDDP) tem dificuldades de registrar tudo que é produzido na região, ora pela falta de investimento público, ora por falta de acesso tecnológico dos próprios produtores dos livros, haja vista que a internet e demais tipos de comunicações tecnológicas ainda não estão disponíveis para 100% da população.

Tal realidade faz com que tanto a produção quanto a vulgarização de parte dessa produção fiquem concentradas na capital. Ou seja, se um autor do interior do departamento quiser fazer conhecida sua obra, é necessário ir até Caiena ou morar lá. Somado a isso, as tiragens geralmente são limitadas e a qualidade literária é sempre posta à prova, seja pelos analistas literários (pouco se produz fortuna crítica sobre), seja pelos editores que, de uma maneira ou de outra, se espalham por Paris, no que tange ao comércio, à difusão e à apreciação das obras. Mesmo os livros catalogados e guardados nas bibliotecas guianenses nem sempre são bem conservados, e alguns ainda se encontram em bibliotecas particulares de difícil acesso para estudo, reedição ou consulta.

O conhecimento dos guianenses sobre a própria literatura também é limitado ora por conta da circulação dos livros, ora pelas questões do analfabetismo em massa, ora pelas questões de valorização cultural. Sabe-se que a literatura auxilia a formação/norma da língua (em particular, a língua escrita). Como essa literatura não se encontra nas escolas guianenses, não se aprende a escrever à maneira guianense, não se aprendem formas/modelos literários próprios do departamento e não se tem repertório sobre sua própria literatura. É claro que esse movimento de mapear e valorizar a literatura da Guiana tem surgido como uma busca de símbolo e identidade própria; podem-se citar, por exemplo, os inúmeros trabalhos do professor Jean-Marie Biringanine Ndagano – em particular, a obra *Introduction à la littérature guyanaise* (1996) –, e a recente obra organizada por René Gnaléga em colaboração com Sylviane Beaufort – *Anthologie de la poésie guyanaise d'expression française: de René Maran aux années 2010* (2016).

Enquanto, na Guiana, essa formação do cânone guianense ainda esteja restrita ao nível superior e às associações literárias, no Haiti, em Guadalupe e Martinica, a educação básica já tem a difusão de sua própria literatura nas escolas. Um elemento chave da obra literária é transgredir as normas. Desse modo, os alunos aprendem, na escola, até que ponto cada autor, cada obra, cada corrente literária escapa das normas, e só as obras que ultrapassaram as normas parecem atravessar os séculos e fixar-se na memória de um povo. Por isso, propostas internas de valorização da literatura guianense começam a surgir para a comunidade local do departamento e a atingir uma nova classe de interpretantes, para além dos literatos. Essa comunidade responsável pela valorização é formada principalmente pelos autores que se estabelecem em associações a fim de poderem pensar maneiras de alcançar os demais cidadãos guianenses com a literatura ali produzida. Entre as associações da Guiana que estão neste caminho, mencionam-se a *Association des Auteurs Guyanais* – presidida por Lyne-Marie Stanley; a *Association Mitaraka* – presidida por Dominique Martin; a *Association des Amis de Damas* – presidida por Eugénie Rézairé; a *Association La Plume Guyanaise* – presidida por Jean-Louis Malherbes; e a *Association Promolivres* – presidida por Tchiséka Lobelt. Todas elas têm promovido a literatura guianense a partir de feiras literárias, concursos para novos talentos, promoções de materiais didático-pedagógicos para escolas, lançamento de livros, entre outros eventos literários.

No que tange a uma proposta externa de valorização da literatura guianense, para além daquilo que cabe ao governo francês, é preciso repensar a questão do que se consideram “literaturas francófonas ou literaturas de expressão francesa”. Notadamente, seus fluxos por meio do estudo ou crítica literária e da tradução. Em um trabalho a respeito desse assunto, Dennys Silva-Reis e

Kathleen Gyssels (2020) evidenciaram algumas questões que parecem ser urgentes para uma visão mais inclusiva das literaturas francófonas. Em primeiro lugar, faz-se *mister* deixar de dar valor a uma obra escrita em francês só e somente se ela passou pelo crivo do mercado editorial e crítico-literário de Paris. Como se viu, as obras da Guiana Francesa parecem não chegar a Paris por diversos motivos, e isso contribui em grande medida para seu ocultamento e mesmo lentidão no que concerne à fortuna crítica. Em segundo lugar, mesmo que as literaturas francófonas deem essa ideia de estarem “fora do Hexágono”, necessita-se ainda de uma empatia maior para não julgar inferiores os autores sul-americanos que escrevem em francês (entre eles, os da Guiana Francesa) ou mesmo etiquetá-los tão somente sob um prisma geográfico-sócio-cultural: afroamericanos, diaspóricos, negros, latino-americanos, pan-amazônicos, dentre outras nomenclaturas. Isso porque, com esse estereótipo muitas vezes não ultrapassado, cai-se na cilada da comparação desigual entre as tradições literárias em língua francesa sem se atentar a todo o contexto das produções das obras e das oportunidades dos autores.

Em terceiro lugar, é preciso ter consciência de que a pesquisa universitária em literatura francófona é a grande responsável por sanar lacunas ou aumentar o leque de possibilidades de estudo nesse âmbito. Em outras palavras, ela chega a ser a responsável pelo fluxo de contato entre as literaturas outrora desconhecidas tanto do meio universitário quanto dos leitores brasileiros. Muitas das traduções literárias – que estão fora do fluxo mercadológico de Paris – só ocorrem pela força da investigação universitária, que tem por viés igualmente a popularização/ vulgarização das obras literárias. É nesse rumo que a literatura da Guiana Francesa parece seguir. Dessa forma, pode-se ver a crítica literária como uma força motriz da produção de guianidade fora do espaço físico da Guiana Francesa.

## CONCLUSÃO

Com o desenvolvimento das tecnologias de comunicação e com a ascensão cada vez maior do e-comércio, parece não haver mais desculpas para não se pesquisarem literaturas ditas de difícil acesso, como a da Guiana Francesa. O presente texto trouxe à tona as nuances das questões de identidade envolvidas nesta literatura, as razões de se pensar na sua tradição literária e o quanto a crítica literária – em especial, a universitária brasileira – pode auxiliar na expansão dessa literatura, assim como das outras literaturas latino-americanas de expressão francesa. Escrever e estudar sobre a literatura da Guiana Francesa faz emergir da memória o poema *Exhortation* de Elie Stephenson (1996, p. 37):

Tu remues la matière qui dormait.  
Le Rêve s'éveille  
Parmi des bulles d'or  
Et des sabres lumineux<sup>11</sup>

L'horizon est un chemin  
Une plaine à investir  
D'amour et de semailles  
Plus grand que l'infini  
Plus vrai que le paradis<sup>12</sup>.

<sup>11</sup> Moves de novo a matéria que dormia/ O Sonho desperta / Entre as bolhas douradas/ E sabres luminosos (tradução minha).

<sup>12</sup> O horizonte é um caminho/ Uma campina para investir / de amor e de sementes / maior que o infinito / Mais verdadeiro que o paraíso (tradução minha).

Que o presente texto possa motivar a abertura de novos horizontes de pesquisa sobre a literatura da Guiana Francesa, um caminho ainda pouco percorrido, mas que pode e deve ser mais explorado.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Lilian Pestre. *O teatro negro de Aimé Césaire*. Rio de Janeiro: CEUFF-UFF, 1978.
- BERNABÉ, Jean, CHAMOISEAU, Patrick ; CONFIANT, Raphaël. *Éloge de la créolité*. Paris : Gallimard, 1993.
- BERND, Zilá. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BERND, Zilá. *Negritude e literatura na América Latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- BERND, Zilá. *O que é negritude?* São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CHAMOISEAU, Patrick ; CONFIANT, Raphaël. *Lettres créoles – tracées antillaises et continentales de la littérature : Haïti, Guadeloupe, Martinique, Guyane (1635-1975)*. Paris : Gallimard, 1999.
- COADOU, Martine. A la recherche de l'identité Culturelle guyanaise. In: MAN LAM FOUCK, Serge (org). *L'identité guyanaise en question: Les dynamiques interculturelles en Guyane française*. Kourou: Ibis Rouge, 1997.
- COIMET, Yaracylda (org.) *La Francophonie: littératures d'expression française et traductions littéraires*. Recife: Ed.Universitária da UFPE, 2008.
- COLLOMB, Gérard. Entre ethnicité et national: a propos de la Guyane. In: *Socio-anthropologie*. N. 6, 1999.
- CORZANI, Jack ; HOFFMANN, Léon-François ; PICCIONE, Marie-Lyne. *Littératures francophones. Les Amériques : Haïti, Antilles-Guyane, Québec*. Paris : Belin, 1998. (Lettres Sup)
- DAMAS, Léon-Gontran; BAGNO, Marcos. Os Graffiti de Léon-Gontran Damas. *Cadernos De Literatura Em Tradução*. N.16, 2016. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/clt/article/view/115292> >. Acesso em 03 de junho de 2021.
- DANAHO, Raoul-Philippe. Regards sur la poésie guyanaise. In: *Lettres et cultures de la langue française VII*. N. 03, 1985.
- FERREIRA, Maria Vagneide de Oliveira. *Construção da identidade e da alteridade em processo póscolonial: A escravidão contada à minha filha (2002), de Christiane Taubira*. 2019. 166f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.
- FERRER, Assunta Renau. *Mon Coeur est um mangrove*. Caiena: Ibis Rouge, 1999.
- FIGUEIREDO, Eurídice. *Construção de identidades pós-coloniais na literatura antilhana*. Niterói-RJ: EDUFF, 1998.

GNALÉGA, René. (avec la collaboration de Sylviane Beaufort). *Anthologie de la poésie guyanaise d'expression française: de René Maran aux années 2010*. Paris: Riveneuve, 2016.

JOUBERT, Jean-Louis; LECARME, Jacques; TABONE, Éline; VERCIER, Bruno. *Les littératures francophones depuis 1945*. Paris: Bordas, 1986.

JOUBERT, Jean-Louis. *Littérature Francophone – anthologie*. Paris: Nathan/ Agence de coopération Culturelle et Technique, 1992.

LE PELLETTIER, Catherine. *Littérature et société : La Guyane*. Matoury: Ibis Rouge, 2014.

LOE-MIE, Françoise. *La complainte de la négresse Ambroisine D'Chimbo*. Guyane: Ibis Rouge, 2013.

MAN LAM FOUCK, Serge. *Histoire Générale de la Guyane française: des débuts de la colonisation à la fin du XX<sup>e</sup> siècle*. Matoury – Guyane: Ibis Rouge, 2002.

MANGA, Blaise B. D.. La littérature guyanaise de demain, d'où vient-elle ? In : *Nouvelles Études Francophones*. V. 23 N. 2008.

MARAN, René. “Os escritores franceses de cor”. In: DUARTE, Paulo (org). *Anhembi*. N. 51 v. XVII. São Paulo: Saraiva/S.A., 1955.

MARAN, René. *Djumá - cão sem sorte*. Tradução de Aristides Avila. São Paulo: Livraria Cultura Brasileira, 1955.

NDAGANO, Biringanine; BLÉRARD-NDAGANO, Monique; SCHULUPP, Daniel (orgs). *Scènes créoles: Éloïse, Céphise, La Peau Léon de Constantin Verderosa*. Paris: L'Harmattan, 1994.

NDAGANO, Biringanine; BLÉRARD-NDAGANO, Monique. *Introduction à la littérature guyanaise*. Guyane: CDDP, 1996.

NDAGANO, Biringanine. *La Guyane entre mots et maux – une lecture de l'oeuvre d'Elie Stephenson*. Paris: L'Harmattan, 1994.

PARÉPOU, Alfred. *Atipa. – roman guyanais*. Paris: L'Harmattan, 2016[1885].

PATIENT, Serge. *Le mal du pays*. Paris: Éditions Caribéennes, 1980.

PATIENT, Serge. *Le nègre du gouverneur*. Caiena: Ibis Rouge, 2001.

PATIENT, Serge. *O Escravo do governador*. Tradução Paulo Wysling. Campinas-SP: Pontes, 2005.

SILVA-REIS, Dennys; GYSSELS, Kathleen. Les littératures latino-américaines d'expression française : vues du Brésil ou “la malédiction de l'anachronisme” d'Octavio Paz. *Caligrama: revista de estudos românicos*. v 25. N. 3. Belo Horizonte: UFMG, 2020.

STEPHENSON, Elie; SILVA-REIS, Dennys. Poemas da Guiana Francesa (Poemas escolhidos de Caticumbas de Sol de Elie Stephenson). *Cadernos De Literatura Em Tradução*. N.16, 2016. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/clt/article/view/115298> >. Acesso em 03 de junho de 2021.

STEPHENSON, Elie. *La conscience du Feu*. Caiena: Ibis Rouge, 1996.

STEPHENSON, Elie. *La nouvelle légende de D'Chimbo suivi de Massak*. Caiena: Ibis Rouge, 1996.

VIATTE, Auguste. *Histoire Littéraire de l'Amérique française: des origines à 1950*. Québec/Paris: PUL/PUF, 1954.

*Submetido em abril de 2021.*

*Aprovado em maio de 2021.*

**Informações do autor:**

Dennys Silva-Reis

Universidade Federal do Acre - UFAC

E-mail: [reisdennys@gmail.com](mailto:reisdennys@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6316-9802>

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4218236447751518>